

## MIGRAÇÃO INVOLUNTÁRIA SOB A PERSPECTIVA DA PSICANÁLISE: UMA REVISÃO DE LITERATURA

INVOLUNTARY MIGRATION FROM THE PERSPECTIVE OF PSYCHOANALYSIS: A LITERATURE REVIEW

Raelly Beatriz Gomes Benetti<sup>1</sup>, Eliane Domingues<sup>2</sup>, Lucienne Martins-Borges<sup>3</sup>

### Resumo

O objetivo deste artigo é conhecer os impactos psíquicos da migração involuntária e levantar quais conceitos são empregados para compreensão dessa vivência pela perspectiva da psicanálise, em artigos publicados no Brasil, nas bases de dados *Scielo* e *Pepsic*. Foram selecionados vinte e quatro artigos que foram lidos na íntegra e analisados, o que resultou na discussão de cinco temas: cultura e diferenças culturais; discurso social; luto; trauma e dispositivos clínicos de acolhimento. Concluímos que o luto é um trabalho necessário diante das recorrentes perdas envolvidas na migração, cuja vivência pode adquirir um potencial traumático para o sujeito. Além disso, identificamos que as diferenças culturais e o discurso social sobre o migrante impactam em suas possibilidades de ser e pertencer ao novo país. Por fim, identificamos alguns dispositivos clínicos de escuta ao imigrante, e os apresentamos como forma de refletir sobre as contribuições da psicanálise para o atendimento dessa população.

**Palavras-chave:** Acolhimento, cultura, imigrante, luto, trauma.

### Abstract

The aim of this article is to find out about the psychological impacts of involuntary migration, and as what concepts are used to understand this experience from the perspective of psychoanalysis, in articles published in Brazil, in the *Scielo* and *Pepsic* databases. Twenty-four articles were selected, read in full and analysed, resulting in a discussion of five themes: culture and cultural differences; social discourse; mourning; trauma and clinical reception devices. We concluded that mourning is a necessary task in the face of the recurrent losses involved in migration, the experience of which can acquire a traumatic potential for the subject. In addition, we identified that cultural differences and the social discourse about migrants have an impact on their possibilities of being and belonging in the new country. Finally, we identified some clinical devices for listening to immigrants, and we present them as a way of reflecting on the contributions of psychoanalysis to the care of this population.

**Keywords:** Reception, culture, immigrant, mourning, trauma.

<sup>1</sup> Mestre pela Universidade Estadual de Maringá.

Contato: raellybeatriz@hotmail.com

<sup>2</sup> Doutora. Professora na Universidade Estadual de Maringá.

Contato: edomingues@uem.com.br

<sup>3</sup> Doutora. Professora na École de travail social et de criminologie na Université Laval.

Contato: lucienne.martins-borges@tsc.ulaval.ca

**Editor-associado:** Ana Carolina Cordeiro Alves

**Recebido em:** 20/06/2024

**Aceito em:** 28/03/2025

**Publicado em:** 04/08/2025

**Citar:** Benetti, R. B. G., Domingues, E., & Martins-Borges, L. (2025). Migração involuntária sob a perspectiva da psicanálise: uma revisão de literatura. *Mosaico: Estudos em Psicologia*, 13(1), 117-137.

## **Introdução**

As motivações que levam uma pessoa a migrar são várias. No caso de migrações voluntárias, entre os motivos podem estar: o desejo de mudança e de construir uma vida melhor para si e sua família, busca de novas experiências, oportunidades de trabalho ou estudo, tratamentos de saúde, reencontro familiar etc. Já quando as migrações são involuntárias, essas ocorrem independentemente do desejo de mudança. As migrações forçadas ocorrem pela presença de um elemento externo, coercivo, que oferece ameaça à integridade física ou emocional do sujeito. Esse tipo deslocamento, compreende as migrações motivadas por conflitos, guerras, ou ainda, por catástrofes naturais.

Os diferentes cenários de conflitos políticos, étnicos e sociais atuais criam conjunturas sociais marcadas por violência, conflitos, perseguições e graves violações de direitos humanos, as quais impulsionaram o fenômeno migratório involuntário. De acordo com as últimas informações do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados ([ACNUR], 2023), os números de migrações involuntárias ao redor do mundo somaram mais de 108,4 milhões de pessoas em deslocamento forçado no ano anterior. No Brasil, há cerca de 1,5 milhões de imigrantes, dos quais aproximadamente 650 mil são refugiados ou solicitantes de refúgio, segundo dados publicados pela Câmara dos Deputados em agosto de 2023 .

Deixar seu país como uma estratégia de sobrevivência pode ter uma conotação traumática para quem o vivencia. Além disso, a desproteção também pode estar presente no trânsito de um país a outro. Pela urgência da partida, muitas vezes pouco planejada e com trechos realizados a pé ou por rios, são diversos os riscos do trânsito, tanto à saúde quanto ao risco de violência e exploração entre populações (Grigorieff & Macedo, 2018).

Por fim, quando o traslado se finda e chega-se ao novo país, chega também o momento de enfrentar os impasses e conflitos a respeito do lugar de estrangeiro naquele território. No país de destino o sujeito encontra-se diante de outra cultura, diferente daquela do país de onde vem e com a qual precisa se articular. Portanto, migrar não tange somente ao deslocamento geográfico de determinado sujeito, mas também a um deslocamento de sua própria posição subjetiva dentro da dinâmica social. Assim, além dos desdobramentos relacionados ao deslocamento territorial, também há impactos inerentes à migração que são de natureza psíquica, social, cultural e política, e estas fronteiras podem ser tão difíceis de transpor quanto as geográficas (Mountian & Rosa, 2015).

Esses dados nos suscitam reflexões acerca das repercussões psíquicas dessas experiências para o sujeito. A psicanálise, sobretudo nos estudos que abordam as relações entre cultura, sociedade e psiquismo, nos fornece bases para pensar os impactos psíquicos que as experiências de deslocamento forçado podem provocar no sujeito. Esse conhecimento se mostra importante para propor reflexões

sobre as formas de oferecer o acolhimento e tratamento a essa população, que sejam sensíveis às suas particularidades.

Diante disso, esse trabalho teve como objetivo levantar como os estudos psicanalíticos publicados no Brasil discutem os aspectos psicológicos envolvidos nas migrações involuntárias. Em outras palavras, buscamos identificar quais as contribuições esses trabalhos nos fornecem para pensar de que maneiras a experiência de um deslocamento forçado pode impactar um imigrante. Para isso, realizamos uma revisão de literatura, a fim de identificar os principais conceitos psicanalíticos utilizados para discutir sobre as migrações involuntárias, sobre as repercussões emocionais que as perdas e mudanças decorrentes dessas migrações podem causar ao sujeito, assim como, identificar as propostas de acolhimento e escuta dos imigrantes a partir de uma perspectiva da psicanálise.

## **Método**

Uma pesquisa de revisão de literatura objetiva levantar os estudos existentes a respeito de determinado assunto, a fim de apresentar as discussões realizadas sobre ele, além de propor diálogos entre os autores que se debruçam sobre uma temática. De acordo com Zanotti & Miura (2020), para isso organiza-se, esclarece e resume as principais pesquisas sobre um tema, fornecendo um panorama do estado atual do conhecimento produzido sobre ele; neste trabalho, sobre os impactos da migração involuntária à luz da psicanálise em estudos publicados no Brasil.

Para essa pesquisa, inspirada na modalidade de revisão sistemática, realizamos uma busca nas bases de dados *Scielo* e *Pepsic*, escolhidas por serem bases nacionais, gratuitas e por apresentarem as principais revistas de psicologia do Brasil. Definimos as buscas a partir do problema de pesquisa, isto é, identificar quais as contribuições da psicanálise para apreender os impactos psíquicos da migração involuntária. Desse modo, as buscas foram feitas utilizando as palavras-chave “imigração”, “migração” e “refúgio”, cada uma delas combinadas com as palavras-chave “psicanálise”, “etnopsicanálise”, “clínica transcultural” e “clínica intercultural”; somando doze combinações pesquisadas.

A busca, realizada no ano de 2022, localizou 166 artigos diferentes; desses, 140 foram desclassificados pelos critérios de exclusão, os quais foram: artigos publicados antes de 2012 (17); “imigração voluntária” (3), “interna” (1) ou de “retorno ao país de origem” (3); uso da palavra-chave aplicada a outro contexto (44); “ênfase em populações específicas” (crianças, adolescentes, estudantes, população LGBTQIAP+) (6), “estudo sobre produção artística” (2), “entrevista” (2), “estudos não psicanalíticos” (66). Foram selecionados 24 artigos de acordo com os critérios de inclusão, isto é, publicados em português entre os anos de 2012 e 2022, que abordavam uma perspectiva psicanalítica sobre o fenômeno migratório involuntário e refúgio. Vale ressaltar que estes artigos foram identificados, em um primeiro momento, a partir da leitura de seus resumos, bem como

pelas referências bibliográficas. Estes, dispostos a seguir, por ordem de publicação, dos mais recentes aos mais antigos:

Tabela 1: Artigos da revisão de literatura sobre psicanálise e migração

Título	Autores	Publicação	Ano
Dimensões da clínica psicanalítica com migrantes em urgência social: a rede transferencial.	Seincman, P. A., Rosa, M. D	Psicologia em Estudo, 26.	2021
Clínica Transcultural: o exercício de uma psicanálise decolonial.	Silva, M. M. S	Jornal da Psicanálise, 54(101).	2021
(Des)Subjetivação, migração e refúgio: reflexões psicanalíticas.	Dal Forno C., Canabarro, R. C. S., Macedo, M. M K.	Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica, 24(1).	2021
O que é uma fronteira hoje?	Cocconi, A.	Ide(São Paulo), 43 (71)	2021
Escuta psicanalítica de imigrantes: uma proposta clínica.	Dias, W. N.	Ide (São Paulo), 42(69)	2020
De uma clínica do refúgio: violência, trauma e escrita.	Kehl, M., Fortes, M. I.	Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, 22(3).	2019
Migração Haitiana: o sujeito frente ao (re)encontro com o excesso.	Nüske, A. G. G., Macedo, M. M. K	Psicologia USP, 30.	2019
A clínica transcultural: cuidando da parentalidade no exílio.	Borges, T. W., Peirano, C., Moro, M. R	Estudos de Psicologia (Campinas), 35(2).	2018
Reconstrução em Movimento: Impactos do Terremoto de 2010 em Imigrantes Haitianos.	Barros, A. F. O., Martins-Borges, L	Psicologia: Ciência e Profissão, 38(1)	2018
Singulares deslocamentos na experiência psíquica de migrar.	Grigorieff, A. G., Macedo, M. M. K	Psicologia Clínica, 30 (3)	2018
Os errantes, um desafio para a psicanálise: uma clínica da errância?	Koltai, C.	Revista Brasileira de Psicanálise, 52 (3)	2018

Do olhar à palavra: (des)encontro com o outro.	Gomes, C. G., et al.	Revista Brasileira de Psicanálise, 51(1).	2017
Pátria, mátria, fátia: construção da geografia emocional.	Melícias, A. B.	Revista Brasileira de Psicanálise, 51(1)	2017
Parentalidade e diversidade cultural.	Moro, M. R.	Revista Brasileira de Psicanálise, 51(2)	2017
Imigração, tempo e esperança.	Delouya, D.	Revista Brasileira de Psicanálise, 51(1)	2017
Sobre a melancolização do exílio.	Indursky, A. C., Oliveira, L. E. P.	Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, 19 (2)	2016
Trabalho psíquico do exílio: o corpo à prova de transição	Indursky, A. C., Conde, B. S.	Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica, 18(2)	2015
Impasses no atendimento a assistência do migrante e refugiados na saúde e saúde mental.	Knobloch, F.	Psicologia USP, 26(2)	2015
Clínica Intercultural: a escuta da diferença.	Martins-Borges, L., Jibrin, M., Barros, A. F. O.	Contextos Clínicos, 8(2)	2015
Psicoterapia transcultural da migração.	Moro, M. R. (2015)	Psicologia USP, 26 (2).	2015
O outro: análise crítica de discursos sobre migração e gênero.	Mountian, I., Rosa, M. D.	Psicologia USP, 26 (2)	2015
Do relatório ao relato, da alienação ao sujeito: a experiência de uma prática clínica com refugiados em uma instituição de saúde	Saglio-Yatzimirsky, M-C.,	Psicologia USP, 26 (2)	2015
A construção de uma clínica psicanalítica para migrantes.	Carignato, T. T.	REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana, 21 (40)	2013

Serviço de atendimento psicológico especializado aos imigrantes e refugiados: interface entre o social, a saúde e a clínica.	Martins-Borges, L., Pocreau, J-B.	Estudos de Psicologia (Campinas), 29 (4).	2012
--	--------------------------------------	--	------

Os artigos foram lidos na íntegra, fichados e analisados. Neste processo, buscamos identificar os objetivos, o método, o tema central do artigo, os principais conceitos apresentados, bem como seus principais resultados e conclusões. A partir dessa leitura, identificamos aqueles textos cuja discussão tangenciou os aspectos psicológicos de imigrantes involuntários, e identificamos quais conceitos foram utilizados para abordá-los. Depois, destacamos os temas que foram recorrentes e selecionamos quatro deles, cuja relevância se expressou também por versarem sobre os impactos psíquicos da migração involuntária e refúgio, indo, portanto, ao encontro do objetivo desta pesquisa.

A respeito da construção das discussões, vale apontar que em alguns casos, mais de um conceito foi apresentado e discutido em um mesmo artigo; por isso, há artigos que figuram em mais de uma discussão proposta. Os temas discutidos são: 1- “Cultura e diferenças culturais”; 2- “O discurso social sobre o imigrante”; 3- “Luto”; 4- “Potencial traumático da migração” e 5- “Dispositivos clínicos de acolhimento ao imigrante”. Este último, embora não seja relacionado ao deslocamento forçado em si, contribui para refletir sobre práticas clínicas, isto é, de acolhimento, escuta e tratamento psicológico, que auxiliam os sujeitos no enfrentamento das dificuldades que encontram neste percurso.

### **Cultura e diferenças culturais**

O imigrante é alguém que se desloca de seu país para outro, saindo de um contexto cultural familiar para um desconhecido. A mudança em relação à cultura pode impor impactos psíquicos a esse sujeito uma vez que não se pode pensar na existência do ser humano fora da cultura. Essa questão foi levantada e discutida por Cicconi et al (2021), Silva (2021), Dias (2020), Barros & Martins-Borges (2018), Melícias (2017), Moro (2017) Martins-Borges, Jibrin & Barros (2015), Moro (2015) e Martins-Borges & Pocreau (2012).

Segundo Moro (2015), a cultura é um sistema de compreensibilidade transmitido aos sujeitos que a compartilham. Esse sistema engloba uma língua e conjuntos de conhecimentos, hábitos e tradições, tocando nas formas de fazer arte, nas formas de parentesco, além de modos de criar, de produzir, de cuidar e de se relacionar, por exemplo. Assim, a cultura fornece um repertório de significações que os sujeitos utilizam para decodificar as experiências que vivem, dar sentido e significado a elas e construir sua leitura do mundo. Em resumo, a cultura fornece modos de apreender aquilo que está na realidade ao seu redor.

Esses elementos, que constituem as representações culturais de cada sujeito inserido em um laço social, se apresentam tanto como organizador daquela sociedade, quanto promovem um regulamento social da subjetividade. Há, portanto, um aspecto constitutivo da cultura sobre a estruturação do psiquismo humano, uma vez que ela oferece aos sujeitos um sistema de valores, rituais e discursos que funcionam como codificação cultural de suas experiências. Em outras palavras, cada psiquismo se estrutura na singularidade da cultura na qual o sujeito está inserido (Dias, 2020; Martins-Borges & Pocreau, 2012).

A cultura ensina a ler o mundo, ela também orienta o modo como o sujeito se expressa nele, estando relacionada com a expressão da subjetividade individual. Nesse sentido, vemos que há, ainda, um aspecto identitário na cultura. Algumas características sensoriais e culturais se tornam intrínsecas no desenvolvimento dos sujeitos e, assim, caracterizam um povo. O conjunto de representações culturais auxilia o sujeito na estruturação de sua identidade, na manutenção dessa e nas possíveis transformações posteriores, dando possibilidades de como ser e estar no mundo. A subjetividade de um sujeito, sua identidade e os meios de perceber, de se expressar e se relacionar com o outro e com o mundo ocorre por meio desses códigos culturais, uma vez que esses são a interface entre o mundo individual e o mundo coletivo (Barros & Martins-Borges, 2018; Moro, 2015).

Quando o sujeito está em sua cultura de origem, familiar, tem maiores recursos para compreender e significar suas experiências, relações e vivências, além de ter mais ferramentas para o enfrentamento de conflitos psíquicos e situações difíceis que puderem experienciar., entendemos também que não é tão simples se estabelecer em um ambiente cultural diferente do que lhe é familiar. Ao migrar, o sujeito vivencia não somente a distância em relação a seu território de origem, como também vive uma ruptura com o quadro cultural no qual se desenvolveu e se formou e que, até então, oferecia referências simbólicas e identitárias importantes para sua sustentação psíquica (Silva, 2021). As diferenças culturais, linguísticas, de costumes, entre outras, muitas vezes se mostram como barreiras para a adaptação e inserção do sujeito nesse novo meio social. Melícias (2017, p. 68) nos explica pela via da experiência: ao narrar sua própria migração, conta que se sentia “estrangeira na cidade, na cultura, na comida, no clima, nas relações sociais e seus códigos sutis, nas diferenças da própria língua que desembocavam sempre na ‘piada do português’, abalando a autoestima identitária ainda em construção e colocando em xeque o desejo de integração plena”.

Ao encontrar-se em outro país, o sujeito se defronta com uma língua que difere da sua própria, assim como são outras as leis, os costumes, os papéis sociais e as expressões culturais e religiosas (Martins-Borges, Jibrin & Barros, 2015). No processo migratório acontece uma desarticulação com o quadro cultural que sustentava o psiquismo, havendo também uma necessária rearticulação com outra cultura, até então desconhecida. Nesse sentido, ocorre um enfraquecimento entre a

comunicação do mundo interno e externo do sujeito, o que fragiliza sua identidade social e afetiva, além de provocar uma temporária instabilidade identitária e de pertencimento (Cicconi et al., 2021).

Diante do afastamento cultural, do universo simbólico implicado nele e dos laços e papéis sociais que estavam estabelecidos no país de origem, pode surgir um sentimento de desenraizamento, mencionado por Cicconi et al. (2021), Indursky & Conde (2015) e Kehl e Fortes (2019). Esse sentimento relaciona-se às incertezas da migração, bem como a perda de referências culturais e territoriais, como traços e rotas da cidade, casa de conhecidos, amigos, além de referências culturais e afetivas, como músicas e ritmos, paisagens, entre outros. Com o enfraquecimento das tradições de sua cultura, há a sensação de perda de parte de suas características de origem, além de uma fragilização de bagagens interpretativas e explicativas da realidade (Borges, Peirano & Moro, 2017; Melícias, 2017).

Devido ao caráter abrupto da migração involuntária, os sujeitos levam pouco do que caracteriza sua identidade, como objetos e itens do cotidiano, seus hábitos, profissão e rede de apoio. Além disso, nestes casos, a cultura que é constituinte de seu mundo interno, além de estar ausente, também foi a que traiu, atacou e destruiu. Dessa forma, o desenraizamento parece acentuado (Indursky & Conde, 2015): ao mesmo tempo em que seu território não o protegeu, foi ele também que o expôs a riscos, a ameaça e à possibilidade de destruição (Martins-Borges, Jibrin & Barros, 2015).

A fragilização das tradições sociais e seus aspectos identitários podem enfraquecer os códigos e recursos que auxiliavam o sujeito na leitura e significação de suas experiências. Além disso, dos referenciais que ajudam na elaboração de suas vivências, sobretudo as difíceis e que requerem algum tipo de enfrentamento. Isso pode ocasionar uma vulnerabilidade psíquica diante das adversidades, tornando os impasses do processo migratório mais difícil de elaborar (Silva, 2021).

### **O discurso social sobre o imigrante**

O discurso social é um conceito lacaniano que foi utilizado para pensar nos impactos psíquicos da migração por Seincman e Rosa (2021), Dias (2020), Mountian e Rosa (2015) e Saglio-Yatzimirsky (2015). Nestes textos, as autoras apresentam casos sobre os quais se debruçaram, lançando luz ao discurso social que incide sobre o imigrante e ao sofrimento sociopolítico relacionado à migração.

Mountian e Rosa (2015) argumentam que pelo fato do humano nascer em condição de desamparo e pressupor uma relação de dependência do outro no princípio de seu desenvolvimento, a existência, o cuidado e a voz do outro são condições indispensáveis para a vida humana e é no seio dos vínculos em que um indivíduo se torna um sujeito. Isso porque as instâncias psíquicas se constroem através dos discursos que o atravessam, e das posições discursivas nas quais ele é colocado, carregado do imaginário dos grupos sociais aos quais está inserido. Assim, o sujeito constitui-se como tal atendendo a forma como é representado dentro do contexto no qual se encontra e a forma pela qual é reconhecido e legitimado pelo outro impacta na construção de si (Seincman & Rosa, 2021).



Aqui se insere a ideia de discurso. Seincman e Rosa (2021) explicam que as instâncias psíquicas se constroem através dos discursos que atravessam o sujeito, carregados do imaginário dos grupos sociais e por onde circulam crenças, valores e tradições. Assim, o discurso é anterior e externo aos sujeitos, mas os determinam em certa medida, por servirem como base para a construção de si (Dias, 2020). Diante disso, os discursos sociais que engendram o imigrante impactam na percepção de si e nas possibilidades de laço social.

Mountian e Rosa (2014) e Saglio-Yatzimirsky (2015) abordam os símbolos que são incorporados ao discurso social sobre o imigrante. As autoras afirmam que lhes são atribuídos símbolos daquele que vem de fora, que sai da periferia rumo ao centro, deslocando-se de um lugar de menor valor para um lugar mais valorizado. Além disso, o imigrante pode ser visto pela comunidade na qual se insere ocupando uma posição determinada, de alguém que não o pertence. Assim, ao mesmo tempo em que está próximo, também é estranho aos demais.

Quando esses são os discursos que perpassam a comunidade do país de acolhida, pode ocorrer pouca ou nenhuma integração. Pelo contrário, pelo imigrante ser identificado como aquele que carrega uma diferença, podendo haver um processo de segregação, ratificando uma posição de estranho e desconhecido em detrimento da posição de conhecido e familiar, ocupado pela comunidade local. Dessa maneira, pode se criar uma divisão entre “eles”, os imigrantes, e “nós”, os membros da comunidade local. De acordo com Mountian e Rosa (2014), o discurso que incide sobre o imigrante frequentemente o coloca em uma posição de estranho, desviante ou inimigo, alguém que pode ameaçar a organização social. Essa população encontra-se, muitas vezes, não somente em posição de exclusão do laço social, como também são cercadas de discursos que naturalizam ou justificam essa exclusão. Dias (2021) indica que o imigrante pode ocupar, ainda, um lugar de trânsito, provisório e de resto no discurso social; ou ainda, ser-lhe atribuído um papel de vítima ou fetichizado, sendo visto como exótico. De qualquer forma, discursos que tangem a essa população podem colocá-los em posições objetificadas, submissas ao outro no laço social (Seincman & Rosa, 2021).

Essas representações que são feitas do imigrante podem colocá-lo em um estado de alienação de si. Os discursos podem ser alienantes, pois incidem no campo social e, conseqüentemente, no sujeito, impactando seu discurso de si e as representações sobre a trama discursiva na qual está envolto. Além disso, o discurso social pode colocar o imigrante em uma condição de aprisionamento à figura e ao papel ao qual é reduzido: imigrante, refugiado, vítima, suspeito. Com isso, o sujeito pode vir a se fixar ou ser fixado nos discursos que o colocam nessas posições. Para Seincman e Rosa (2021), esses discursos podem ser vividos como violência, pois, imputam a “uma falsa colocação no laço social, pois se colam ao sujeito naquilo que ele pode ser ou querer” (p. 9). Dessa forma, pode haver uma

renúncia, abandono ou perda do senso de identidade. Isso pode acabar por submetê-lo a um sentimento de inconsistência, descontinuidade e não pertencimento (Saglio-Yatzimirsky, 2015).

Ao ser colocado nestas posições – estranho, provisório, resto, ameaça – o sujeito pode ser atravessado por essa trama discursiva e agir a partir dela. Para Dias (2021), isso pode instalar no imigrante uma dívida, tanto econômica quanto, sobretudo, simbólica. Assim, uma saída possível para esse sujeito é se colocar na condição de sacrifício, ou ainda, agir de modo a anular o que o distingue da comunidade como uma forma de ser melhor visto e aceito.

É possível que, por outro lado, a alteridade do imigrante seja desconsiderada em um tipo de discurso que anula a diferença. Há um apagamento de sua condição alteritária e o sujeito pode tornar-se invisível e indiferente para a comunidade aonde chega. A problemática envolvida nessa situação é a desconsideração pelo que há de particular a cada sujeito. Mais uma vez, isso o descaracteriza. É mediante um não anulamento do imigrante em sua diferença, e diante de respeito a sua singularidade e alteridade que o sujeito pode preservar sua identidade e se relacionar de forma mais autônoma e autêntica com os outros e com o mundo (Mountian & Rosa, 2015).

## **Luto**

A migração leva o sujeito para longe de quase tudo que lhe é familiar e conferia sentido a sua vida. Por essa razão, perdas importantes são intrínsecas à migração e algumas rupturas são inevitáveis, sobretudo nas migrações involuntárias, quando é preciso partir sem planejar-se e, assim, levando pouco de si consigo. O luto vivenciado pelo imigrante foi abordado por Nüske & Macedo (2019), Grigorieff e Macedo (2018), Delouya (2017), Melícias (2017), Indursky e Oliveira (2016), Indursky e Conde (2015) e Knobloch (2015).

Ao deixar o seu país, o imigrante deixa também pessoas amadas, como seus pais, irmãos, filhos e amigos; deixa seu trabalho, bem como a posição social que ocupava desenvolvendo essa atividade laboral; igualmente, deixa um projeto de vida planejado até então. O imigrante perde também seu território e suas identidades culturais, que caracterizavam sua identidade e que o ajudavam a se orientar no mundo. Essas perdas são narradas por Melícias (2017, p. 66), ao apontar que no processo de migração “desaparecem todas as referências externas (cidade natal, casa, amigos...), (...) todas as referências afetivas (ritmos, temperatura, paisagens, sensorialidade, cultura...)”.

Essas diferentes situações de perdas trazem ao imigrante a vivência de um sofrimento. Assim, o confronto com o desconhecido, decorrente da entrada do imigrante em outro território exige um trabalho de luto: “a administração de necessários desinvestimentos relativos ao que se deixa, bem como o trabalho exigido de investimentos em novos projetos e novas relações” (Grigorieff & Macedo, 2018, p. 489).

Indursky e Conde (2015) e Indursky e Oliveira (2016) discutem a difícil elaboração do luto quando o processo de migração involuntária é marcado por violências. De acordo com os autores, uma migração atravessada por situações abruptas e que oferecem riscos à integridade física de um sujeito pode provocar uma ruptura em seu refúgio psíquico, sensação de assujeitamento e redução de sua realidade psíquica a esse sofrimento. Dessa maneira, o imigrante podem vivenciar forte sentimento de angústia, medo e adentrar em um estado de melancolia. Já Melícias (2017) discute que essas perdas abruptas podem ser fraturantes do psiquismo, pois somam incertezas à vida psíquica do sujeito ao fazer ruir alguns alicerces internos, como os garantidos pelos rituais e rotina já estabelecidos e projeções feitas.

Contudo, ao mesmo tempo em que o deslocamento leva o sujeito a se afastar do local no qual estão suas fontes de segurança, esse também é o local qual lhe oferece risco. Diante disso, o sujeito se vê sob a necessidade de desinvestir de um lugar que apesar de lhe ser querido, familiar, é também danoso. Por outro lado, o imigrante precisa poder investir no novo país para onde se desloca; mas esse, ao mesmo tempo em que lhe oferece a possibilidade de proteção e novas oportunidades, também pode trazer dificuldades, tensões e inseguranças. Isso faz desse luto um processo complexo e que carrega um caráter ambivalente. A ambiguidade desse luto reside no impasse entre os possíveis benefícios e problemáticas envolvidos em migrar e se estabelecer em um novo país (Delouya, 2017).

O ato de se lançar ao desconhecido, deixando para trás o que costumava lhe conferir segurança, é adotado pelo imigrante a partir da esperança de alcançar melhores possibilidades de sobrevivência e vida. Quando as circunstâncias na chegada ao novo país são favoráveis e o sujeito pode contar com acolhida, integração social, cultural e laboral, há maiores condições de o reinvestimento libidinal nesse novo contexto ser realizado. Isso acontece porque o sujeito percebe que aquilo que perdeu ao deixar seu país de origem pode ser, de alguma maneira, reconquistado no novo local onde se encontra. Contudo, quando os desdobramentos de sua inserção no novo meio social ocorrem com extensas dificuldades de adaptação linguística, sociocultural e econômica, por exemplo, o sujeito podem vivenciar a percepção de que essa esperança, construída sobre o mundo novo, não se concretiza (Delouya, 2017). Isso acontece, sobretudo, quando o sujeito vivencia “situações de labilidade ou de hostilidade do meio, que podem impedir a elaboração do luto das perdas vividas” (Knobloch, 2015, p. 171). Assim, as incertezas e inseguranças se intensificam e impactam no projeto de inserir-se e investir nesse novo lugar.

Em relação a esse processo de luto, o sentimento diante do rompimento, com os vínculos que mantinha com sua terra e com as pessoas que o acompanharam pela vida, pode ser de nostalgia e desenraizamento. Quando o sujeito cultiva de forma idealizada essa nostalgia referente ao seu país, tomando suas memórias como ideais, pode apresentar uma dificuldade na reestruturação de sua nova

vida e prolongar o processo de luto. Contudo, quando é possível manter uma relação positiva com as memórias e vivências deixadas no país de origem, o luto pode ser melhor vivenciado e elaborado (Calvo, 2005). Isso porque no trabalho de elaboração do luto também está implicado a alma do imigrante em relação aos investimentos de origem, deve-se a esses elos – o ambiente de origem com seus espaços, suas paisagens, seus sentidos e tons e o sabor de sua língua – que constituem o seu corpo, fontes essas que permitem ao imigrante lidar e se tornar criativo no embate com o novo meio (Delouya, 2017, p. 82).

Para a elaboração das perdas é fundamental que se possa contar com recursos psíquicos e culturais, como também com a criação e fortalecimento de redes de apoio e integração social, além de condições de vida favoráveis no local ao qual se chega. Isso porque, ainda que os conteúdos culturais e sociais de pertença sejam necessários para auxiliar o sujeito a lidar com as situações que lhe ocorrem, também deve ser possível desinvestir do lugar que foi deixado para reinvestir no lugar aonde se chega (Grigorieff & Macedo, 2018).

Estar em um novo país coloca o sujeito a repensar a questão sobre quem ele é e o que foi deixado para trás, bem como o convoca a projetar-se no que há porvir. A elaboração dos lutos se dá pelo equilíbrio entre assimilar o novo e elaborar o que ficou para trás. É um trabalho complexo a ser realizado pelo imigrante que, ao atravessar o processo de luto, deve realizar uma integração entre seu passado, presente e futuro. Assim, por meio dessas elaborações pode ser possível propor uma narrativa que dê coesão às rupturas e seja possível tecer novos seguimentos (Calvo, 2005; Melícias, 2017). Para Grigorieff e Macedo (2018), é no delicado e sutil equilíbrio entre o desinvestimento e reinvestimento que o sujeito pode se colocar novamente na realidade. Diante das possibilidades criativas decorrentes do trabalho elaborativo do luto o sujeito pode ser liberto de uma condição de vítima e podem ser abertas perspectivas de construção de uma nova autonomia e de novos investimentos no devir.

### **Potencial traumático da migração**

O rompimento de um sujeito com o seu ambiente de referência pode ser causador de sofrimento psíquico por diferentes motivos, dos quais já destacamos alguns. Contudo, a magnitude do sofrimento e das repercussões e impactos psicológicos e na saúde mental está relacionada também ao impacto das vivências e de como elas são representadas e elaboradas no psiquismo de cada um. Em outras palavras, o sofrimento está relacionado, dentre outros, a quão traumática foi a experiência do sujeito imigrante. Sobre o traumático na migração, nós destacamos os artigos de Dal Forno, Canabarro & Macedo (2021), Silva (2021), Dias (2020), Kehl & Fortes (2019), Koltai (2018) e Indursky & Oliveira (2016).

No país de origem, a exposição a violências físicas e morais, como perseguições e ameaças, configura um possível trauma, em especial nos casos em que há um real risco de morte (Indursky & Oliveira, 2016). Em algumas migrações involuntárias a brutalidade e risco iminente estão ausentes, contudo, há a vivência de outras situações que expõem o sujeito à vulnerabilidade e angústia. Kehl e Fortes (2019) destacam como a precariedade e a exclusão econômica e social também são elementos que podem ser traumáticos, assim como são o desabrigo, a fome e a falta de condições de sobrevivência.

O contexto de catástrofe social oferece risco a autoconservação e a preservação do Eu de um sujeito. De acordo com Dal Forno, Canabarro e Macedo (2021), o risco à autoconservação consiste naqueles que expõem o sujeito a ameaças a sua vida ou suprimem as condições de atender suas necessidades básicas de sobrevivência. Já a preservação do Eu, diz respeito às situações nas quais o Eu, diante dos excessos, “encontra-se em risco de dismantelamento no que diz respeito aos enunciados identificatórios que o constituem em sua dimensão subjetiva” (Dal Forno, Canabarro & Macedo, 2021, p.16). Em suma, essas situações que estão relacionadas ao contexto migratório podem ser traumáticas por atentar contra a integridade física e psíquica do sujeito.

Além dessas vivências de violência no país de origem, a ocorrência de outras manifestações hostis no país de chegada também pode ser vivida como traumatizantes (Kehl & Fortes, 2019). Silva (2021) destaca que há um potencial traumático nas possíveis barreiras encontradas no país de destino. Essas podem ser socioeconômicas, como a dificuldade em adquirir renda e moradia, dificultando o acesso a melhores condições de subsistência, bem como podem ser socioculturais, tais como a língua e as barreiras sociais e culturais. Além disso, as condições de recepção nem sempre se mostram favoráveis, podendo sujeitar o imigrante às vivências de discriminação, xenofobia, racismo e marginalização, como já mencionado. Dias (2020, p. 161) discute o conceito de trauma como “algo que está fora do sentido e da significação e que indica o lugar ocupado pelo sujeito na trama social, sentido frequentemente como um lugar de resto”. Assim, tanto são difíceis as vivências, como o é a reorganização interna necessária ao sujeito para superá-las.

Aqui, as condições de reação e enfrentamento do imigrante precisam ser pensadas. Isso porque a elaboração destas violências pode ser dificultada pelo sujeito estar em um lugar cujos códigos culturais e sociais são desconhecidos e onde precisa empreender trabalhos em direção a se estabelecer naquela organização social, encontrar habitação, trabalho, ter acesso a saúde, aprender a língua, etc (Indursky & Oliveira, 2016). A esse ponto, a ruptura com o quadro cultural, já mencionada anteriormente neste artigo, demonstra sua importância. Para Moro (2015), os eventos com potencial traumático, vividos no período migratório podem sê-lo ainda mais em decorrência da ausência dos referenciais culturais para significá-los.

Para Koltai (2018, p. 69) “o trauma se refere menos aos horrores vividos do que à sensação de ter sido traído pelos seus, e que a falta de palavras remete menos à possibilidade de dizê-las do que à ausência de alguém para escutá-la”. Nesse sentido, entendemos que situações traumáticas podem elaboradas na medida em que o sujeito encontra possibilidades de expressar os afetos mobilizados ao vivê-las. É preciso poder dizer e atribuir significado ao que lhe ocorreu. Kehl e Fortes (2019) retomam essa ideia de que o trauma é aquilo que está alheio à atribuição de sentido e discutem como isso pode ocorrer para o sujeito em deslocamento. Os imigrantes podem enfrentar dificuldades na transmissão das dores de suas vivências à medida que, em muitas vezes, tem uma invisibilidade imposta sobre si, uma não colocação no laço social, ao passo em que tem muito de si, como sua história, identidade e cultura, é desconsiderado no discurso do outro (Seincman & Rosa, 2021).

### **Dispositivos clínicos de acolhimento ao imigrante**

Tocamos em quatro temas que articulam psicanálise e a migração involuntária, destacados da revisão de literatura, com o intuito de pensar sobre alguns impactos psíquicos da migração. Também, observamos a recorrência de artigos que discorreram sobre as práticas clínicas junto à população imigrante, apontando para as particularidades no atendimento desses sujeitos. Estes, abordados por Silva (2021), Borges, Peirano e Moro (2018), Moro (2015), Martins-Borges, Jibrin & Barros (2015) e Martins-Borges e Pocreau (2012), que tangenciam a clínica transcultural e intercultural com imigrantes e refugiados. Seincman e Rosa (2021) mencionam um dispositivo clinicopolítico e uma rede transferencial; e Gomes et al (2017) e Carignato (2013) relatam suas experiências em instituições socioassistenciais.

A prática clínica junto à população imigrante não segue um modelo único de intervenção. Diferentes autores destacam aspectos psicológicos e socioculturais diferentes na compreensão do fenômeno migratório involuntário e, assim, intervém também de forma diferente. Aqui, traremos uma breve discussão sobre os dispositivos de acolhimento apresentados nos artigos da revisão: a clínica intercultural e transcultural e o dispositivo clinicopolítico. Abordar as diferentes considerações teórico-práticas – pressupostos e modelos de intervenção – se justifica por tratarem de dispositivos de atendimento ao imigrante cujas diferenças nos permitem ampliar as possibilidades de pensar a escuta e o acolhimento dessa população.

As psicoterapias intercultural e transcultural se aproximam nos pressupostos e práticas, uma vez que ambas são fundamentadas na disciplina intitulada etnopsicanálise ou etnopsiquiatria, oriunda dos estudos e dos atendimentos desenvolvidos por Devereux. Elas têm suas atuações pautadas nos impactos que a cultura e, mais ainda, que o distanciamento da cultura de origem causa no psiquismo do sujeito. Aqui, as representações culturais do sujeito devem ser incluídas e valorizadas no interior do tratamento, e os recursos que a cultura do sujeito tem a oferecer para dar sentido ao sofrimento

do qual padece (Borges, Peirano & Moro, 2018; Martins-Borges & Pocreau, 2012; Silva, 2021). Isso porque as situações de desordem e o sofrimento podem vir a se acalmar na busca por esse sentido, ao tecer uma teoria e uma explicação, a partir de crenças e construções culturais, criadas pelos relatos e narrativas das experiências, de técnicas culturais de cuidado do corpo, alma e vínculo. De acordo com Moro (2015, p. 187), é importante definir “as teorias culturais sobre as quais cada um se apoia para sobreviver à dor e ao não sentido”.

Nesse dispositivo clínico as sessões de psicoterapia são organizadas em grupo, composto por uma equipe de terapeutas e coterapeutas, os quais são profissionais da área da psiquiatria, psicologia, enfermagem e assistência social, com formação em psicologia e psicanálise, além de estudarem antropologia, linguística e história. É preferível que estes profissionais tenham origem cultural e linguística diferentes entre si e que estejam familiarizados com diferentes sistemas culturais. O profissional que encaminha a família para atendimento também é convidado a participar das primeiras sessões. Elas podem contar, ainda, com um tradutor da língua e cultura do paciente, o qual atua apresentando práticas e fatos culturais que possam estar fora do conhecimento dos terapeutas e que estão presentes no sofrimento e sintoma do sujeito (Martins-Borges, Jibrin & Barros, 2015; Moro, 2015).

Silva (2021) destaca que na clínica transcultural a relação entre terapeutas e pacientes é horizontal, descentrada e não hierárquica entre culturas. O manejo diante da população imigrante deve ser capaz de ofertar aceitação e acolhimento das diferentes formas de alteridade cultural. Os terapeutas e coterapeutas devem se colocar de modo respeitoso em relação à alteridade do paciente e seus modos de agir, de fazer e de pensar o sofrimento, a doença e as vivências que relata (Borges, Peirano & Moro, 2018), além de conhecer e adaptar seu modo de pensar saúde e doença de acordo com o que é cultural daquele paciente. As análises realizadas sobre o funcionamento psíquico e sintomas do sujeito devem ser orientadas pela cultura do mesmo. De acordo com Martins-Borges, Jibrin e Barros (2015), o grupo de atendimento intercultural tem como principais funções o suporte psicológico e cultural e a restauração de importantes aspectos da identidade. Assim, o grupo funciona como ‘envelope cultural’ – que protege, contém e evita o face a face – o dispositivo promove um espaço de transição entre dois mundos que se aproxime da representação cultural das pessoas que ali são atendidas (Martins-Borges, Jibrin & Barros, 2015, p. 189).

Em resumo, os artigos destacam a necessidade de considerar a cultura de cada paciente nos atendimentos à população imigrante. A compreensão e o manejo dos casos, deve reconhecer o lugar privilegiado que deve ser atribuído aos conteúdos da cultura e à língua do sujeito, haja vista que eles estão no fundamento da expressão e compreensão de saúde, adoecimento e sofrimento do paciente (Martins-Borges & Pocreau, 2012; Moro, 2015).

Já o dispositivo clínico-político, mencionado por Seincman e Rosa (2021) atua com pessoas cujas más condições econômicas e materiais somam-se a discursos que colocam o sujeito em posição de objetificação, submissão ou exclusão. Nisso que chamaram de urgência social, o sujeito se encontra em um contexto de desamparo social e discursivo. As autoras consideram que diante do atendimento de um imigrante involuntário é preciso considerar os impactos que o campo social e cultural opera sobre sua saúde mental. O tratamento deve articular os aspectos psíquicos aos marcadores sociais e políticos envolvidos na migração involuntária. Assim, a escuta precisa ser orientada a partir de seu lugar histórico, social e político, considerando também os aspectos de raça, gênero e cultura, por exemplo. Assim, há de se atentar aos aspectos do campo sociopolítico e os discursos sociais que incidem sobre o imigrante (Mountian & Rosa, 2012).

Nos casos de urgência social o imigrante encontra-se em vulnerabilidade econômica, preocupando-se, em especial, com suas necessidades básicas, como alimentação, moradia, trabalho e renda, por exemplo. Por isso, pode deixar alheio às suas queixas o que toca nos aspectos de vínculos, desejos e planos. Muitas vezes, inclusive, o sujeito só consegue se relacionar com o meio social por meio desses aspectos burocráticos, “como se aquilo que se necessita não estivesse ligado à importância dos seus planos, dos desejos e da força que teve para superar as adversidades do caminho” (Seincman & Rosa, 2021, p. 3).

Ao considerar somente os aspectos do campo da concretude, o sujeito pode se ver impedido de pensar sobre seu sofrimento. Contudo, as questões psíquicas precisam ser consideradas para que uma demanda clínica seja construída. O analista deve poder olhar para além da face da necessidade, mas para a história do sujeito, suas relações, dores e desejos. Assim, possibilitando que esse também possa olhar para esses aspectos de si e, a partir disso, possa se colocar novamente no campo social e operar uma reconstrução de si. Em resumo, deve poder articular a esfera da necessidade e do desejo (Seincman e Rosa, 2021).

Buscamos em Rosa (2012) a definição de uma escuta clínico-política. Ela se orienta, a princípio, na direção de identificar “os laços sociais que atualizam os processos de exclusão em curso, e buscar reverter e inverter a direção das práticas, de modo a permitir a todos a elaboração de seu lugar na cena social” (p. 31). Esse trabalho objetiva romper com os possíveis silenciamentos destes que estão assujeitados aos discursos que, muitas vezes, não lhe autorizam uma condição de sujeito. Assim, o espaço transferencial de escuta e intervenção deve funcionar como um campo de compreensão da posição na qual o sujeito se situa no laço social, bem como espaço para mudança na posição subjetiva diante do outro (Seincman & Rosa, 2021).

O trabalho sob o viés clínico-político, fundamentado em constructos lacanianos, se articula ao campo dos discursos que circulam ou que se fixam ao sujeito. A proposta é a de sinalizar e intervir nas



formas de preconceitos e discriminações da ordem da classe social, de raça ou de gênero, auxiliando o sujeito a elaborar e se recolocar no laço social. Por meio da relação transferencial busca-se suscitar rupturas no que está posto no discurso social, produzindo novos discursos e novas posições subjetivas no campo social, orientando a construção de novas estratégias e formas de existência (Seincman & Rosa, 2021).

Vale apontar, por fim, que dos textos que foram levantados em revisão de literatura, houve aqueles que mencionaram os atendimentos à população imigrante sem especificar um dispositivo clínico pensado para essa finalidade. Isso significa dizer que o acolhimento ao imigrante também pode ocorrer em uma psicoterapia ou em instituições de saúde e assistência social, como mencionam Gomes, et al (2017) e Carignato (2013). As contribuições apresentadas aqui, contudo, trazem elementos importantes para a atuação do analista junto ao imigrante. Isso porque acreditamos que acessar estas teorias pode tornar o analista mais sensível às demandas particulares que existem no acolhimento e no tratamento de pacientes imigrantes.

### **Considerações finais**

A proposta desse artigo foi, portanto, apresentar os resultados da revisão de literatura sobre os principais aspectos abordados no que tange à intersecção entre migração involuntária e psicanálise, em estudos publicados no Brasil.

Em primeiro lugar, destacamos a cultura e o discurso social como constitutivos do psiquismo humano. Ao oferecer uma série de símbolos, rituais e valores que possibilitam significar a sua experiência, o sujeito encontra na cultura fonte de aspectos subjetivos e identitários, os quais, por sua vez, são também protetivos, por indicar modos de se relacionar e lidar com pessoas e situações. Os autores apresentam algumas implicações afetivas e identitárias do afastamento do sujeito em relação a sua cultura, uma vez que o sujeito se vê distante dos códigos culturais que favoreciam a comunicação de seu mundo interno com o mundo externo.

Já os discursos sociais, por incidirem para a construção de si mesmo e sobre as formas pelas quais poderá haver relação entre o sujeito, o outro e o mundo, também apontam para possibilidades e impossibilidades de ser e estar do imigrante. A bibliografia nos aponta que costumam ocupar um lugar excludente no discurso e, conseqüentemente, no laço social, inviabilizando o sentimento de pertencimento ao país de destino.

Por levar o sujeito para longe de quase tudo o que lhe era familiar, o luto também é um tema importante no que toca aos deslocamentos, podendo levar o imigrante a vivenciar um sofrimento pela distância de seus objetos de amor e um abatimento e uma possível dificuldade em se interessar novamente pela vida. Os autores advertem, ainda, que em uma migração involuntária, cuja partida, deslocamento e inserção no novo território podem ocorrer sob a presença de violências, violações de

direitos humanos, medo e solidão podem ter uma conotação potencialmente traumática, tornando as dificuldades mais difíceis de serem elaboradas.

Diante do exposto, chegamos às considerações a respeito de um trabalho possível diante do sofrimento da população migrante. Esse tema foi escolhido, dentre todas as temáticas que poderiam compor esse trabalho, com o intuito de elucidar as possibilidades de atuação clínica junto a população migrante, apresentadas em uma série de artigos que tratam, sobretudo, de dois dispositivos clínicos: a clínica intercultural ou transcultural e o dispositivo clinicopolítico.

Consideramos que o fenômeno migratório demanda uma escuta atenta e fomentada a partir de uma compreensão teórica, como meio de balizar ações e trabalhos direcionados a essa população e é com base nisso que essa pesquisa se justifica. Esperamos, assim, suscitar o interesse de profissionais da saúde mental a pensar um acolhimento e um manejo que seja sensível às particularidades que envolvem as questões migratórias.

## Referências

- Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR). (2023). Global Trends Forced Displacement In 2022. <https://www.unhcr.org/global-trends-report-2022>
- Barros, A. F. O. & Martins-Borges, L. (2018) Reconstrução em Movimento: Impactos do Terremoto de 2010 em Imigrantes Haitianos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 38(1), 157-171. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003122016>
- Borges, T. W., Peirano, C., Moro, M. R. (2018) A clínica transcultural: cuidando da parentalidade no exílio. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 35(2), 149-158. <https://doi.org/10.1590/1982-02752018000200004>
- Calvo, V. G. (2005). El duelo migratório. *Trabajo Social*, 7, 77-97. <https://revistas.unal.edu.co/index.php/tsocial/article/view/8477>
- Câmara dos Deputados. (2023, 31 de agosto). Debatedores apontam desafios de trabalhadores imigrantes e refugiados no Brasil. <https://www.camara.leg.br/noticias/993591-debatedores-apontam-desafios-de-trabalhadores-imigrantes-e-refugiados-no-brasil/>
- Carignato, T. T. (2013). A construção de uma clínica psicanalítica para migrantes. *REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, 21 (40). <https://www.scielo.br/j/remhu/a/RQ4nqq8nZH7DdM7dh3vxVpq/?lang=pt#>
- Cicconi, A.; Santilli, E.; Zamparini, E.; Barbieri, L.; Ferrero, L.; Giovannetti, M. F.; Orlando, M. P.; Giampà, M. & Coppola, P. (2021). O que é uma fronteira, hoje? *Ide*, 43(71), 98-103. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-31062021000100010&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062021000100010&lng=pt&tlng=pt).
- Dal Forno C., Canabarro, R. C. S., Macedo, M. M K. (2021). (Des)Subjetivação, migração e refúgio: reflexões psicanalíticas. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 24(1), 10-18. <https://doi.org/10.1590/1809-44142021001002>

- Delouya, D. (2017) Imigração, tempo e esperança. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 51(1), 75-84. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0486-641X2017000100006](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2017000100006)
- Dias, W. N. (2020) Escuta psicanalítica de imigrantes: uma proposta clínica. *São Paulo: Ide*, 42(69), 459-168. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-31062020000100015](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062020000100015)
- Gomes, C. G. et al. (2017). Do olhar à palavra: (des)encontro com o outro. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 51(1), 114-122. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0486-641X2017000100009&script=sci\\_abstract](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0486-641X2017000100009&script=sci_abstract)
- Grigorieff, A. G. & Macedo, M. M. K. (2018) Singulares deslocamentos na experiência psíquica de migrar. *Psicologia Clínica*, 30(3), 471-492. <http://dx.doi.org/10.33208/PC1980-5438v0030n03A04>
- Indursky, A. C., Conde, B. S. (2015) Trabalho psíquico do exílio: o corpo à prova de transição. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 18(2), 273-288. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982015000200008>
- Indursky, A. C., Oliveira, L. E. P. (2016) Sobre a melancolização do exílio. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 19(2), 242-258.
- Kehl, M., Fortes, M. I. (2019) De uma clínica do refúgio: violência, trauma e escrita. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 22(3), 520-539. <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2016v19n2p242.4>
- Knobloch, F. (2015) Impasses no atendimento a assistência do migrante e refugiados na saúde e saúde mental. *Psicologia USP*, 26(2), 169-174. <https://doi.org/10.1590/0103-6564D20140015>
- Koltai, C. (2018) Os errantes, um desafio para a psicanálise: uma clínica da errância? *Revista Brasileira de Psicanálise*, 52 (3), 91-72. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0486-641X2018000300005](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2018000300005)
- Martins-Borges, L., Jibrin, M. & Barros, A. F. O. (2015) Clínica intercultural: a escuta da diferença. *Revista Contextos Clínicos*, 8(2), 186-192. <http://dx.doi.org/10.4013/ctc.2015.82.07>
- Martins-Borges, L. & Pocreau, J-B. (2012) Serviço de atendimento psicológico especializado aos imigrantes e refugiados: interface entre o social, a saúde e a clínica. *Estudos de Psicologia*, 29(4), 577-585. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2012000400012>
- Melícias, A. B. (2017) Pátria, mátria, fátia: construção da geografia emocional. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 51(1), 61-74. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0486-641X2017000100005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2017000100005&lng=pt&nrm=iso)
- Moro, M. R. (2015). Psicoterapia transcultural da migração. *Psicologia USP*, 26(2), 186-192. <https://doi.org/10.1590/0103-6564D20140017>
- Moro, M. R. (2017). Parentalidade e diversidade cultural. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 51(2), 137-149, tradução: Berliner, C. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0486-641X2017000200011&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2017000200011&lng=pt&nrm=iso)
- Mountian, I., & Rosa, M. D. (2015). O outro: análise crítica de discursos sobre imigração e gênero. *Psicologia USP*, 26(2), 152-160. <https://doi.org/10.1590/0103-6564D20150001>

- Nüske, A. G. G., Macedo, M. M. K. (2019). Migração Haitiana: o sujeito frente ao (re)encontro com o excesso. *Psicologia USP*, 30. <https://doi.org/10.1590/0103-6564e180081>
- Organização Internacional para Imigrantes (OIM). (2018). Uma introdução às migrações internacionais no Brasil contemporâneo: Módulo 1. Organização Internacional para Migrantes.
- Rosa, M. D. (2012) Migrantes, imigrantes e refugiados: a clínica do traumático. *Revista Cultura e Extensão USP*, 7, 67-76. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9060.v7i0p67-76>
- Saglio-Yatzimirsky, M-C., (2015) Do relatório ao relato, da alienação ao sujeito: a experiência de uma prática clínica com refugiados em uma instituição de saúde. *Psicologia USP*, 26(2), 175-185. <https://doi.org/10.1590/0103-6564D20140016>
- Seincman, P. A., Rosa, M. D. (2021) Dimensões da clínica psicanalítica com migrantes em urgência social: a rede transferencial. *Psicologia em Estudo*, 26. <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v26i0.47467>
- Silva, M. M. S. (2021). Clínica Transcultural: o exercício de uma psicanálise decolonial. *Jornal da Psicanálise*, 54(101), 143-159. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S0103-58352021000200010](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0103-58352021000200010)
- Zanotti, S.V. & Miura, P.O. (2020). Revisão de literatura: os exemplos de Freud e Lacan. In: E. F. Queiroz & S. V. Zanotti (orgs.) (2020). *Metodologia de pesquisa em psicanálise*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.